

VIAGENS TÉCNICAS PARA FORMAÇÃO DE GESTORES DE TURISMO

ÉRIKA SAYURI KOGA DI NÁPOLI

Mestre em Hospitalidade pela UAM, Bacharel em Turismo pela ECA-USP e Tecnólogo em Hotelaria pelo SENAC. Professora e Coordenadora do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo do IFSP – Campus São Paulo. Email: kogadinapoli@ifsp.edu.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar as viagens técnicas como método de ensino importante para a formação de Tecnólogos em Gestão de Turismo, com o objetivo específico de relatar as vivências ocorridas nas viagens ao Vale do Ribeira, realizadas no âmbito do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo, do Instituto Federal de São Paulo – Câmpus São Paulo. A viagem técnica compõe atividade prática do Projeto Pedagógico do Curso (PPC) e tem como propósito fazer uma pesquisa para verificar o manejo da visitação em Unidades de Conservação e avaliar alguns desafios da sustentabilidade. Para tanto, os alunos realizam pesquisa de campo com observação participante, levantamento de dados e aplicação de entrevistas com pessoas envolvidas na gestão. Após a realização de seis viagens técnicas para o Vale do Ribeira, os participantes responderam um questionário e constataram-se que as práticas vivenciadas resultaram em aquisição de novos conhecimentos, mudanças de comportamentos e contribuição para formação de gestores de turismo conscientes e críticos em relação ao turismo sustentável.

PALAVRAS-CHAVE:

Viagem técnica; Extensão; Gestão de Turismo; IFSP.

Abstract

The objective of this article is to analyze field trips as an important educational methodology for the qualification of Technologists in Tourism Management, with the specific objective of reporting the experiences that occurred during the trips to Vale do Ribeira, carried out within the scope of the Technology Course in Tourism Management of the Federal Institute of São Paulo - Campus São Paulo. The field trip is part of a practical activity of the Pedagogical Course Project (PPC) and its purpose is to conduct research to verify the management of visitation in Protected Areas and to assess some sustainability challenges. To this end, students conduct field research with participant observation, data collection and interviews with people involved in management. After making six field trips to Vale do Ribeira, the participants answered a questionnaire and found that the practices experienced resulted in the acquisition of new knowledge, changes in behavior and contribution to the formation of conscious and critical tourism managers in relation to the sustainable tourism.

KEYWORDS:

Field trips; Extension; Tourism Management; IFSP; São Paulo

INTRODUÇÃO

O aprendizado ativo dos alunos é e sempre será um desafio para o processo de ensino dos professores. As informações em abundância, com facilidade e na intensidade como estão disponíveis para todos, se tornam uma competição, e possivelmente, uma ferramenta de cooperação para o professor conseguir chamar a atenção dos alunos e estimularem a refletir e absorver conteúdos específicos para sua formação. É um desafio constante para os docentes, juntamente com seus discentes, lidarem com a complexidade do ensino-aprendizagem, diante de uma sociedade caracterizada pela pluralidade de ideias e práticas sociais e saberes diversos, em

que a prática docente requer uma discussão sobre como trabalhar os aspectos humanos, sociais e, sobretudo pedagógicos, para o desenvolvimento dos discentes, enquanto seres humanos multidimensionais. (FLORENTINO; FERNANDES, 2011)

Nesse sentido, faz-se essencial que a prática docente se mantenha em constante atualização de suas metodologias para se aproximar dos interesses e necessidades dos alunos, em busca de consolidação de conteúdos que os qualifiquem a desenvolverem suas habilidades, capacidades mentais e atividades profissionais (LIBÂNEO, 2012). A partir de experiências vividas na prática, situações reais vistas, diálogos com pessoas que estejam atuando em suas profissões, contato direto com a realidade, acredita-se que a assimilação e, sobretudo, a produção do conhecimento por parte dos alunos ocorra naturalmente. Atividades essas que se realizam de forma espontânea durante viagens técnicas, devidamente organizadas pelos professores que promovam de forma consciente e didática essas experiências. O objetivo deste artigo é relatar vivências dos alunos com as comunidades e localidades visitadas, ocorridas durante viagens técnicas à região do Vale do Ribeira e analisar essas viagens como metodologia importante para a formação de alunos de Tecnologia em Gestão de Turismo.

METODOLOGIA

A viagem técnica em questão envolve as disciplinas de “Turismo e Meio Ambiente 2” e “Gestão Pública do Turismo”, do sexto e último semestre, ocorridas no âmbito do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) – Câmpus São Paulo. A proposta da viagem é visitar duas Unidades de Conservação na região do Vale do Ribeira: Parque Estadual Caverna do Diabo e Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR), além da comunidade tradicional localizada no entorno dos Parques, o Quilombo de Ivaporunduva.

As atividades realizadas durante a viagem técnica envolvem uma pesquisa de campo, cujo objetivo é verificar o manejo da visitação em Unidades de Conservação e avaliar alguns desafios da sustentabilidade. Para tanto, os alunos realizam observação participante, levantamento de dados e aplicação de entrevistas qualitativas, com o consentimento dos entrevistados, junto às pessoas envolvidas com as atividades turísticas e de uso público nas Unidades de Conservação visitadas. O roteiro da viagem inclui visitas às cavernas, cachoeiras e trilhas, podendo conhecer, verificar e comparar diferentes estruturas de visitação implantadas, bem como técnicas de manejo para minimizar os impactos provocados pela visitação. Também visitam Centros de Visitantes, Museus e estruturas de apoio ao turista, como lanchonetes, hospedarias, lojas de artesanato, entre outros, a

fim de compreender a gestão do meio ambiente e do uso público em ambientes naturais protegidos. Como objetivos secundários, os alunos se relacionam com diversos contextos sociais, ambientais, econômicos e culturais que contribuem para sua formação profissional e cidadã, cientes e conectados com a diversidade do país.

Ao retornar da viagem, os alunos desenvolvem o Relatório de Pesquisa, conforme o objetivo estabelecido antes da viagem e com base nos dados coletados durante a pesquisa de campo. Os resultados apresentados no Relatório Final visam analisar os aspectos do manejo da visitação, identificar as lacunas e pontos a melhorar, bem como apresentar propostas que possam incrementar o turismo sustentável nas áreas visitadas e/ou fomentar o empreendedorismo de forma profissional na região. Tais relatórios são apresentados por cada um dos alunos e os que são bem avaliados, com o consentimento dos autores, são encaminhados para os gestores dos Parques Estaduais, das pousadas utilizadas e para a Fundação Florestal, conforme o teor do Relatório de Pesquisa. Tal ação vem a contribuir com o aspecto extensionista do IFSP, além de dar retorno para os locais visitados e profissionais que contribuíram para o planejamento e organização da viagem técnica.

Os resultados apresentados neste artigo são provenientes de um inquérito aplicado através de questionário *online*, o qual os discentes participantes respondem após a viagem técnica, para que assim pudessem relatar suas experiências. O questionário é formado por perguntas fechadas e com uma última pergunta aberta, dando oportunidade para os participantes complementarem suas experiências de forma qualitativa.

A primeira viagem técnica para o Vale do Ribeira ocorreu no 2º semestre de 2015, sendo realizadas até abril de 2019 um total de seis viagens com turmas diferentes, totalizando a participação de 194 pessoas, entre estudantes e professores.

Com as últimas quatro turmas, realizou-se com os participantes uma pesquisa quantitativa com o objetivo de avaliar as atividades, infraestruturas, métodos de ensino e aprendizados obtidos durante a viagem técnica. Obteve-se um total de 85 questionários respondidos, correspondendo a 69% da população da pesquisa, com 95% de nível de confiança e 6% de margem de erro. Em estatística, “o nível de confiança representa a porcentagem de intervalos que iriam incluir o parâmetro populacional se você reunisse amostras da mesma população, repetidas vezes”, enquanto margem de erro é o “índice que determina a estimativa máxima de erros dos resultados da sua pesquisa quantitativa. Quanto maior a margem de erro, menos preciso serão os dados da pesquisa de mercado” (KIRSTEN; RABAHY, 2017, p. 141).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A prática docente e sua responsabilidade em ensinar e confirmar seu ensino a partir da aplicação dos conhecimentos adquiridos pelos alunos refletem a realidade profissional e suas diversas dimensões. Sob a perspectiva de saberes (disciplinar, curricular, profissional e experiencial), conforme discutido por Tardif (2014), o professor se encontra diante de múltiplas interações que se colocam como condicionantes para sua prática.

Entre os saberes citados, chama-se a atenção o saber experiencial, que de acordo com Tardif (2014, p.48) define como: “conjunto de saberes atualizados, adquiridos e necessários no âmbito da prática da profissão docente e que não provêm das instituições de formação nem dos currículos”.

O saber experiencial provém do cotidiano, do dia a dia do professor em sua prática e partir das trocas realizadas com os discentes, conforme reforça:

No exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados. Eles incorporam à experiência individual e coletiva sob a forma de habitus e de habilidades, de saber-fazer e saber-ser (TARDIFF, 2014, p.39)

Práticas docentes que buscam reconhecer e valorizar as experiências do dia a dia utilizam diversos métodos que devem ser minuciosamente planejados e organizados para que possam motivar a produção do conhecimento por parte dos discentes. No âmbito do ensino e aprendizado em turismo e hospitalidade, as viagens e visitas técnicas caracterizam-se como potentes ferramentas nesse sentido, sendo fundamental que seus usos se dêem em conformidade com procedimentos institucionais, com finalidades didáticas claras e com objetivos definidos. Além disso, podem aprimorar seus conteúdos para agregar engajamento discente ao processo de ensino, culminando em ações de pesquisa e também de extensão.

De acordo com a Portaria No 2.095, de 2 de agosto de 2011 que regulamenta as visitas técnicas do IFSP são consideradas visitas técnicas “as atividades supervisionadas, desenvolvidas em ambiente externo à instituição de ensino, visando ampliar os conhecimentos ao trabalho e à preparação para o trabalho produtivo, assim como uma formação integral do educando como cidadão” (IFSP, 2011).

As viagens técnicas configuram-se uma atividade que extrapola o espaço da sala de aula e o conteúdo ministrado pelo docente. Ao ir à campo, os alunos se deparam com a realidade, com as práticas em evidência, transportando o aprendizado para a sua aplicação. Este instrumento didático é

potente para relacionar o conhecimento teórico à realidade/prática e, sobretudo, provoca reflexões nos alunos sobre como os fatos ocorrem, dentro de limitações reais, as diferentes formas das pessoas lidarem com os acontecimentos, com as opiniões e estimula novos olhares ao que se encontra nos ambientes externos.

As viagens técnicas configuram-se como estudo ativo da realidade, que de acordo com Libâneo (2012, p. 108) “é um conjunto de tarefas cognoscitivas que concorrem para o desenvolvimento das atividades mentais dos alunos”.

As atividades de campo são planejadas em conformidade com os conteúdos programáticos das disciplinas a que estão vinculadas, inclusive previstas no Projeto Pedagógico do Curso, e, requerem a definição de objetivos que nortearão a execução do roteiro da viagem técnica. O planejamento e organização desta atividade pedagógica deve ser definida pelo docente da disciplina e responsável pelas atividades, levando em consideração a definição do destino da viagem técnica, que deve-se considerar tanto os aspectos de infraestrutura necessária e adequada para atender os alunos, como também para que no local, os objetivos de ensino sejam atingidos.

Nesse sentido, a Portaria do IFSP (2011) orienta que:

A visita técnica será realizada em locais onde possa ser vivenciada pelo educando a aplicação dos conhecimentos adquiridos no curso, buscando a compreensão das habilidades e competências desenvolvidos no mesmo ou em locais e instituições onde o educando possa adquirir uma visão ampla enquanto cidadão, sendo agente de transformação da sociedade. (IFSP, 2011)

As viagens técnicas representam atividades de extensão sob a ótica da Portaria IFSP (2011), mas reforça-se que a totalidade de seu processo de ensino-aprendizagem evoca a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão. Tal proposta é o que se verifica no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) do IFSP que constitui o principal documento de planejamento da instituição, incluindo a missão, as estratégias para atingir metas e objetivos para o período de 5 anos de gestão educacional. Neste documento, as atividades de extensão configuram como uma prática de “responsabilidade social, pois envolve a troca de saberes entre as instituições de ensino e a sociedade. Nesse sentido, é uma interação dialógica, interdisciplinar e interprofissional, indissociada da pesquisa e do ensino, com impacto na formação do estudante e na transformação social” (IFSP, 2014, p. 25).

De fato, os resultados obtidos com as viagens técnicas extrapolam os conteúdos e objetivos das disciplinas e corroboram para a formação crítica

dos alunos sobre a realidade em que vivem e que irão atuar como profissionais. Segundo o professor Newton Balzan, visita técnica que é um exemplo de estudo do meio:

É um instrumento metodológico que leva o aluno a tomar contato com o complexo vivo, com o conjunto significativo que é o próprio meio físico e social. É uma atividade não simplesmente física, mas principalmente mental, de elaboração, que apela para conhecimentos e habilidades já adquiridos e os enriquece, de modo que o aluno volte à escola modificado, mais rico em conhecimentos e experiências (BALZAN apud LIBÂNEO, 2012, p. 171)

Como argumenta a pesquisadora Behrens (1999), o paradigma cartesiano de outrora influenciava a docência, que ocorria de forma fragmentada, dividida em disciplinas, em conteúdos e que refletiam em ações mecânicas por parte dos alunos, como meros reprodutores de conhecimento. Com os avanços científicos e tecnológicos do final do século XX, uma vultuosa transformação ocorreu em nossa sociedade, afetando diretamente as áreas profissionais e os papéis dos indivíduos nesse contexto. A autora relata que “a sociedade passa a exigir profissionais que tenham capacidade de tomar decisões, que sejam autônomos, que produzam com iniciativa própria, que saibam trabalhar em grupo, que partilhem suas conquistas e que estejam em constante formação” (BEHRENS, 1999, p. 386). E com isso, vem o paradigma inovador, chamado paradigma emergente cujo pressuposto essencial é que a prática pedagógica possibilite a produção do conhecimento através da aliança de três referências que envolvem: a abordagem progressista, a relação entre ensino e pesquisa e a visão sistêmica.

A abordagem progressista é uma preocupação com o papel reflexivo dos docentes e consequentemente, dos alunos, no que se refere ao conhecimento, instigando assim a crítica, a autonomia e a produção de novos conhecimentos. Paulo Freire transcorre sobre esta amplitude de aspectos no prefácio de seu livro “Pedagogia da Autonomia” (FREIRE, 2011, p. 9):

É neste sentido, por exemplo, que me aproximo de novo da questão da inconclusão do ser humano, de sua inserção num permanente movimento de procura, que rediscuto a curiosidade ingênua e a crítica, virando epistemológica. É nesse sentido que reinsisto em que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas e por que não dizer também da quase obstinação com que falo de meu interesse por tudo o que diz respeito aos homens e às mulheres, assunto de que saio e a que volto com o

gosto de quem a ele se dá pela primeira vez. Daí a crítica permanentemente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia (FREIRE, 2011, p. 9)

A relação entre pesquisa e ensino é abordada com grande preocupação por Tardiff (2014) que descreve o distanciamento entre duas instâncias fundamentais da Educação, as dimensões da pesquisa e do ensino, que deveriam estar integradas e indissociadas:

Os educadores e os pesquisadores, o corpo docente e a comunidade científica tornam-se dois grupos cada vez mais distintos, destinados a tarefas especializadas de transmissão e de produção dos saberes sem nenhuma relação entre si. Ora, é exatamente tal fenômeno que parece caracterizar a evolução atual das instituições universitárias, que caminham em direção a uma crescente separação das missões de pesquisa e de ensino. Nos outros níveis do sistema escolar, essa separação já foi concretizada há muito tempo, uma vez que o saber dos professores que aí atuam parece residir unicamente na competência técnica e pedagógica para transmitir saberes elaborados por outros grupos. (TARDIFF, 2014, p.35)

E ao dissertar sobre esse distanciamento, o autor complementa sobre a função social importante do docente perante os saberes e sua produção:

Com base nos saberes e produção de saberes constituem, por conseguinte, dois polos complementares e inseparáveis. Nesse sentido, e mesmo limitando sua relação com os saberes a uma função improdutiva de transmissão de conhecimentos, pode-se admitir, se não de fato pelo menos em princípio, que o corpo docente tem uma função social estrategicamente tão importante quanto a da comunidade científica e dos grupos produtores de saberes. (TARDIF, 2014, p. 36)

E a terceira referência para o paradigma emergente (BEHRENS, 1999) é sobre a visão sistêmica ou holística que busca a superação da fragmentação dos conteúdos em disciplinas separadas e isoladas, considerando que o ser humano deve ser visto em sua totalidade, considerando suas inteligências múltiplas, para formar-se um profissional humano, ético e sensível. Segundo Behrens, Moran e Masetto (2000, p. 92) “a visão holística busca a perspectiva interdisciplinar, superando a fragmentação, a divisão, a compartimentalização do conhecimento. O processo educativo numa abordagem holística implica aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a aprender, aprender a ser.”

RESULTADOS E ANÁLISES

De acordo com as respostas obtidas junto aos participantes das viagens técnicas no questionário preenchido após a viagem ao Vale do Ribeira, obtiveram-se informações importantes sobre a relação das experiências vivenciadas com os conteúdos trabalhados de forma teórica.

Verificaram-se que os alunos participaram em média de 4 visitas técnicas durante todo o Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo do IFSP. A viagem ao Vale do Ribeira, a última do curso e foco desta pesquisa, contou com participantes que estavam realizando sua primeira visita técnica, enquanto alguns alunos já haviam realizado outras 9 visitas no decorrer do curso. Esse indicador demonstra que os alunos se interessam pelas atividades externas e se esforçam para participar, uma vez que os custos da viagem são arcados pelos próprios alunos, pois apenas o ônibus e o seguro viagem são custeados pela instituição.



FIGURA 1 – Roda de conversa no Quilombo de Ivaporunduva, município de Eldorado, um dos locais visitados na viagem ao Vale do Ribeira. Fonte: Acervo pessoal da autora



FIGURA 2 – Visita ao Parque Estadual Caverna do Diabo durante o roteiro do Vale do Ribeira. Fonte: Acervo pessoal da autora



FIGURA 3 – Experiências de atividades de turismo de aventura no Rio Betari, no município de Iporanga, durante viagem técnica ao Vale do Ribeira. Fonte: Acervo pessoal da autora



FIGURA 4 – Trilha dentro da Caverna Água Suja no PETAR durante a viagem técnica ao Vale do Ribeira. Fonte: Acervo pessoal da autora

Em termos de conhecimentos construídos pelos alunos durante a viagem técnica, identificaram-se em ordem decrescente de relevância: conservação ambiental; cultura e tradições; sustentabilidade; organização social; manejo de visitantes; e empreendedorismo. Interessante notar que, apesar de o principal objetivo da viagem ser a análise do manejo da visitação em Unidades de Conservação, os alunos envolveram-se com mais intensidade com questões relacionadas à conservação, tanto do meio ambiente, quanto das culturas tradicionais, destacando suas particularidades e reforçando aos visitantes sua importância para contribuir com a preservação destes locais.

Outra variável coletada com a pesquisa foi o nível de concordância dos alunos quanto aos conhecimentos apreendidos durante a viagem. A opinião dos alunos quanto a preocupação com a sustentabilidade, atenção à compra de produtos, cuidado com

o meio ambiente, necessidade de estabelecer regras para manejo dos impactos dos turistas, gestão pública das áreas naturais e fomento de atrativos turís-

ticos em áreas naturais para diversificar a visitação está representada na FIGURA 5.

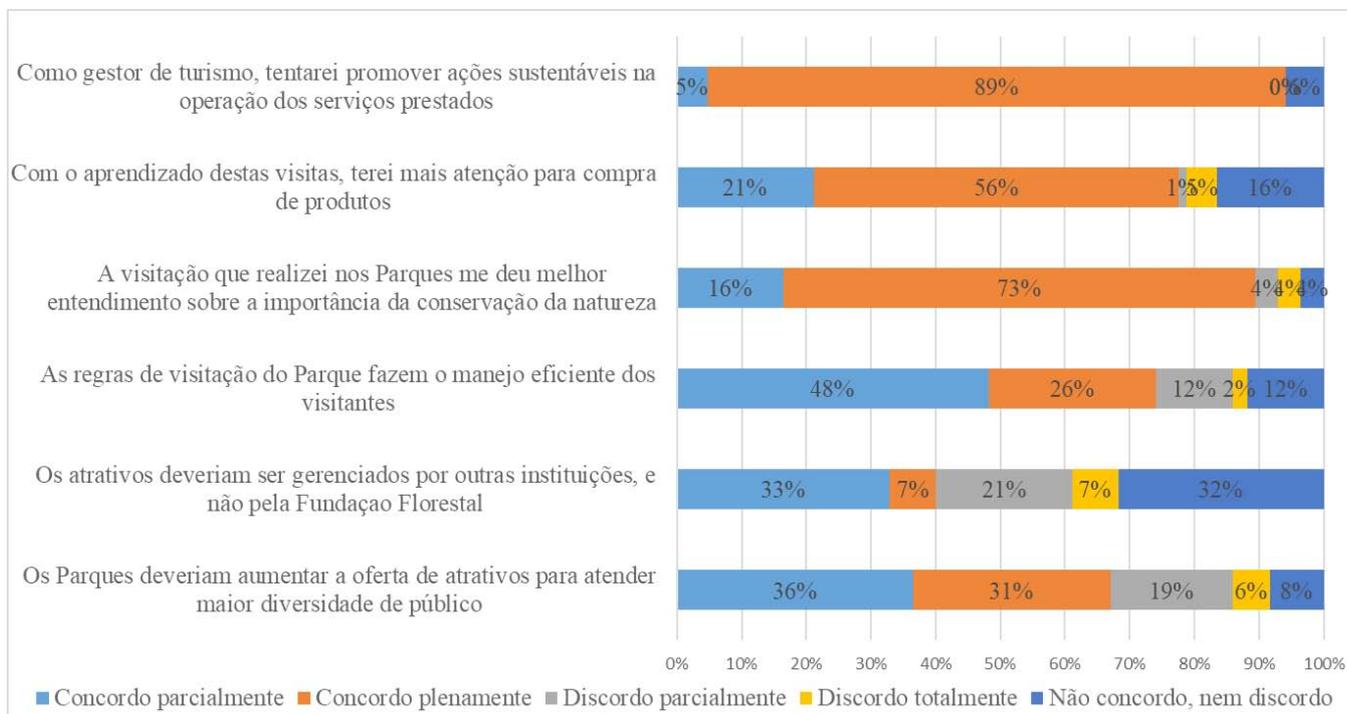


FIGURA 5 – Opinião dos entrevistados sobre temas relacionados com a viagem técnica. Fonte: Autora

A partir das respostas obtidas, verifica-se que 70% ou mais dos participantes concordaram (parcialmente ou plenamente) com as idéias: “Como gestor de turismo, tentarei promover ações sustentáveis na operação dos serviços prestados” (94%); “Com o aprendizado destas visitas, terei mais atenção para compra de produtos” (77%); “A visitação que realizei nos Parques me deu melhor entendimento sobre a importância da conservação da natureza” (89%); e “As regras de visitação do Parque fazem o manejo eficiente dos visitantes” (74%).

E, por fim, mediu-se a satisfação dos alunos em relação a viagem técnica ao Vale do Ribeira, e obteve-se resultados muito positivos, em que 94,3% dos respondentes avaliaram com notas entre 8,0 e 10,0, enquanto 5,7% avaliaram com notas 5,0 e 7,0, resultando em uma média de 9,04.

Verificou-se que alguns pontos podem ser melhorados, principalmente em relação ao ônibus utilizado, a pousada em Iporanga e a monitoria do Parque Estadual da Caverna do Diabo (PECD) que foram os itens indicados com avaliação péssima ou ruim, mas com baixa incidência.

Contudo, 93% dos alunos afirmaram que voltariam para o Vale do Ribeira, inclusive com a família ou amigos, enquanto 7% responderam que não retornariam para a região, porque este tipo de destino não os interessam.

Didaticamente, a pesquisa traz resultados que comprovam que as vivências e sentimentos despertados durante a viagem técnica trazem efetividade para o propósito da educação ambiental, que é promover mudanças de comportamento e novas atitudes nas pessoas que vivenciam a natureza. Infere-se que a experimentação, atividades práticas, contato direto, envolvimento com as pessoas e locais visitados são estratégias de ensino que repercutem diretamente no melhor aprendizado dos alunos de forma ativa. Além do importante benefício que os alunos sejam protagonistas na produção do conhecimento, esses momentos promoverão atitudes profissionais e pessoais mais engajadas com o desenvolvimento sustentável.

Agrega-se aos resultados, a constatação de que a formação docente voltada para a área de turismo e hospitalidade é um processo contínuo também de aprendizado e de acumulação de conhecimentos e experiências que o profissional deve dedicar para conquistar tais saberes. E nesse processo, salienta-se a importância das metodologias integradas entre ensino, pesquisa e extensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A viagem ao Vale do Ribeira é verificada como recurso didático muito importante para a formação crítica e reflexiva dos alunos do Curso de Tecnologia

de Gestão de Turismo do Campus São Paulo, corroborando para o paradigma emergente da nova sociedade. Acredita-se que a vivência com a realidade é uma forma bem efetiva de promover mudanças de comportamento e conscientização sobre a importância da conservação do meio ambiente. Como os resultados levantados pela pesquisa foram positivos, constata-se a importância e relevância da realização de atividades práticas como processo de ensino-aprendizagem, focado na aplicação e reflexão do conteúdo teórico e dirigido adequadamente pelo docente responsável, somando esforços para a indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão. Sendo assim, o currículo do Tecnólogo em Gestão de Turismo deve envolver a realização de viagens e visitas técnicas como ferramenta didática de sua formação holística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEHRENS, M. A. A prática pedagógica e o desafio do paradigma emergente. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 80, n. 196, p. 383-403, set. 1999. ISSN 2176-6681

BEHRENS, M. A.; MORAN, J. M.; MASETTO, M. T. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

BRASIL. Instituto Federal de São Paulo. Plano de Desenvolvimento Institucional 2014-2018. São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www2.ifsp.edu.br/index.php/documentos-institucionais/pdi.html>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

BRASIL. Instituto Federal de São Paulo. Portaria No. 2.095, de 2 de agosto de 2011. Disponível em: <https://spo.ifsp.edu.br/images/phocadownload/DOCUMENTOS_MENU_LATERAL_FIXO/EXTENSAO/A%C3%87%C3%95ES_DE_EXTENS%C3%83O/VISITAS_T%C3%89CNICAS/Portaria_Visitas_T%C3%A9cnicas.pdf>. Acesso em: 8 de abr. 2019

BRASIL. Instituto Federal de São Paulo. Projeto Pedagógico do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo. 2018. Disponível em: <<https://spo.ifsp.edu.br/gestao-de-turismo>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

FLORENTINO, José Augusto; FERNANDES, Cleoni Maria Barbosa. Educação e complexidade: possibilidade de uma relação mais orgânica. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 11, n. 32, p. 167-186, jan. 2011. ISSN 1518-3483

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

KIRSTEN J. T; RABAHY, W. A. **Estatística aplicada às Ciências Humanas e ao Turismo**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 34ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

TARDIF, Maurice. Os professores diante do saber: esboço de uma problemática do saber docente. In: _____. **Saberes docentes e formação profissional**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.